

## Orientações e Dinâmicas para as Oficinas do Projeto Amazocom

### Cardápio de Ferramentas



OBJETIVOS DE  
DESENVOLVIMENTO  
SUSTENTÁVEL





**Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária  
Embrapa Acre  
Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento**

## **DOCUMENTOS 161**

# Orientações e Dinâmicas para as Oficinas do Projeto Amazocom

## Cardápio de Ferramentas

*Selma Lúcia Lira Beltrão  
Antonio Luiz de Oliveira Heberlé  
Priscila Viudes  
Maurílicia Pereira da Silva  
Michelliny Pinheiro de Matos Bentes*

Exemplares desta publicação podem ser adquiridos na:

**Embrapa Acre**  
Rodovia BR-364, km 14,  
sentido Rio Branco/Porto Velho  
Caixa Postal 321, CEP 69900-970, Rio Branco, AC  
Fone: (68) 3212-3200, Fax: (68) 3212-3285  
www.embrapa.br  
www.embrapa.br/fale-conosco/sac

Comitê Local de Publicações  
da Embrapa Acre

Presidente  
*Elias Melo de Miranda*

Secretária-Executiva  
*Claudia Carvalho Sena*

Membros  
*Carlos Mauricio Soares de Andrade, Celso Luis Bergo, Evandro Orfanó Figueiredo, Rivaldvalve Coelho Gonçalves, Rodrigo Souza Santos, Romeu de Carvalho Andrade Neto, Tadário Kamel de Oliveira, Tatiana de Campos, Virgínia de Souza Álvares*

Supervisão editorial e revisão de texto  
*Claudia Carvalho Sena, Suely Moreira de Melo*

Normalização bibliográfica  
*Renata do Carmo França Seabra*

Editoração eletrônica e tratamento das  
ilustrações  
*Francisco Carlos da Rocha Gomes*

Projeto gráfico da coleção  
*Carlos Eduardo Felice Barbeiro*

Foto da capa  
*Priscila Viudes*

**1ª edição**  
On-line (2019)

**Todos os direitos reservados.**

A reprodução não autorizada desta publicação, no todo ou em parte,  
constitui violação dos direitos autorais (Lei nº 9.610).

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**  
Embrapa Acre

---

Orientações e dinâmicas para as oficinas do Projeto Amazocom: cardápio de ferramentas / por Selma Lúcia Lira Beltrão ... [et al]. – Rio Branco, AC: Embrapa Acre, 2019.

44 p.: il. color. – (Documentos / Embrapa Acre, ISSN 0104-9046; 161).

Material gerado na oficina de alinhamento do Projeto Amazocom, realizada em Belém, PA, no período de 4 a 6 de setembro de 2018.

1. Comunicação organizacional – projeto de extensão. 2. Projeto Amazocom. 3. Comunidades tradicionais – Amazônia. 4. Beltrão, Selma Lúcia Lira. I. Embrapa Acre. II. Série.

CDD (21. ed.) 302.20715

## Autores

### **Selma Lúcia Lira Beltrão**

Jornalista, mestre em Desenvolvimento Sustentável, analista da Secretaria de Inovação e Negócios, Embrapa, Brasília, DF

### **Antonio Luiz de Oliveira Heberlê**

Jornalista, doutor em Ciências da Comunicação, pesquisador da Embrapa Café, Brasília, DF

### **Priscila Viudes**

Jornalista, mestre em História Indígena, analista da Embrapa Acre, Rio Branco, AC

### **Mauricilia Pereira da Silva**

Graduada em Letras, mestre em Comunicação, analista da Embrapa Acre, Rio Branco, AC

### **Michelliny Pinheiro de Matos Bentes**

Engenheira florestal, doutora em Ciência Florestal, pesquisadora da Embrapa Amazônia Oriental, Belém, PA



Foto: Valdir Dias



## Apresentação

Esta publicação tem como objetivo apresentar subsídios para realização de oficinas de capacitação em comunicação comunitária e de diagnóstico social em territórios do bioma Amazônia. São dinâmicas, técnicas, métodos e aportes de vivências construídos coletivamente. São aprendizados que podem servir de suporte e inspiração para atividades de caráter participativo.

Tais experiências estão inseridas no Projeto Integrado da Amazônia, um conjunto de 19 projetos que a Embrapa iniciou em 2018 no âmbito do Fundo Amazônia, com o objetivo da melhoria da qualidade de vida das comunidades associada à redução do desmatamento e da degradação florestal.

A Embrapa espera, com este trabalho, contribuir para a construção conjunta de metodologias participativas em processos de comunicação e interação com jovens rurais, extrativistas, indígenas, quilombolas, assentados, ribeirinhos e agricultores familiares. Esses povos e comunidades tradicionais valorizam e se reconhecem no diálogo e na construção integrada de conhecimentos. Trabalhar com esse público fortalece os valores que nós também compartilhamos.

Que estas experiências sirvam de inspiração para novos projetos e articulações entre pesquisa e atores sociais do campo no bioma Amazônia e em outras regiões do País, e que os métodos sejam aperfeiçoados por meio de novos olhares e novas experiências.

*Eufran Ferreira do Amaral*  
Chefe-Geral da Embrapa Acre







# Sumário

Introdução.....	9
O Projeto Integrado da Amazônia .....	12
Orientações gerais .....	13
Princípios das capacitações.....	14
Planejamento dos conteúdos .....	15
Temas que podem ser abordados nas oficinas.....	16
Produtos esperados com as capacitações.....	17
Dinâmicas para o cardápio de ferramentas.....	18
Mística para apresentação dos participantes .....	18
Apresentação da programação proposta – contextualizando a caminhada	20
Roda de conversa – comunicar é...?.....	20
Painel de experiências em comunicação comunitária .....	21
Contaçon de histórias e dinamização de leitura.....	22
Animações .....	22
Sistematização de experiências.....	22
Vivência de campo e exercício prático.....	24
Avaliação das capacitações .....	25
Formação da rede de comunicadores .....	25
Oficinas de ferramentas comunicacionais .....	26
Dinâmica das oficinas .....	26
Uso da matriz Fofa (forças, oportunidades, fraquezas e ameaças) e do DRP (diagnóstico rápido participativo) para a pactuação social .....	28
Uso do DRP e matriz Fofa nas oficinas .....	28
Definição da atividade principal .....	29
Proposta de diagnóstico participativo de comunicação rural (DPCR) da FAO .....	37
Conclusão.....	38
Referências .....	39
Anexo I .....	41



DO TEMPO DEBORAÇÃO DO CAMPO 2000 2010

2001 - (Legislação Ambiental) - Lei nº 9.608/98 - Criação do IFRPA - Criação do CRMB

Princípios da sustentabilidade

- 1 - Relatividade
- 2 - Trabalho com parceria ativa
- 3 - Dinâmica entre atividades e técnicas
- 4 - Suporte de campo como avaliação
- 5 - Cultura como parte essencial
- 6 - Base para o desenvolvimento
- 7 - Gestão democrática

TEMA: Sustentabilidade



## Introdução

O bioma Amazônia corresponde a mais de 40% do território nacional e é constituído principalmente por uma floresta tropical, que preserva extraordinária biodiversidade. O desmatamento, as queimadas, a garimpagem, a pecuária extensiva e o avanço da produção de grãos representam os principais problemas ambientais enfrentados pelo bioma.

É possível reverter a redução da cobertura florestal da Amazônia com a ampliação da oferta de soluções tecnológicas agrícolas, da assistência técnica e da capacitação de agricultores e ribeirinhos para que, a partir do aprendizado e do intercâmbio de conhecimentos, possam assumir em suas comunidades o protagonismo nos processos de manejo florestal sustentável.

Em 2015, o Brasil assinou o Acordo de Paris, assumindo compromissos no âmbito do Quadro das Nações Unidas sobre Mudança do Clima (UNFCCC). A pretendida Contribuição Nacionalmente Determinada inclui metas de longo prazo (2025 a 2030) que envolvem: desmatamento ilegal zero, restauração de 12 milhões de hectares de florestas para múltiplos usos, restauração de 15 milhões de hectares de pastagens degradadas, incremento de 5 milhões de hectares em integração lavoura-pecuária-floresta (ILPF), ampliação da escala de sistemas de manejo sustentável de florestas nativas.

O Fundo Amazônia tem sido um dos instrumentos mais importantes para garantir e aprimorar o compromisso do País com a conservação e o uso sustentável das florestas. Desde 2008 realiza investimentos não reembolsáveis em ações de prevenção, monitoramento e combate ao desmatamento e de promoção da conservação e do uso sustentável da Amazônia Legal.

Para o alcance dos compromissos assumidos pelo País, a Embrapa tem contribuído com diversas ações, e, desde 2018, tem executado por meio de 12 Unidades Descentralizadas um conjunto de 19 projetos, dentre eles o Projeto Interação, Intercâmbio e Construção do Conhecimento e Comunicação nos projetos do Fundo Amazônia – Amazocom –, componente do Projeto Integrado da Amazônia, executado no âmbito do Fundo Amazônia, iniciativa gerida pelo Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES) em cooperação com o Ministério do Meio Ambiente.



Esses projetos têm o objetivo de promover a produção e a apropriação, por parte de ribeirinhos, extrativistas, agricultores familiares, povos indígenas, de conhecimentos e tecnologias voltados para recuperar, conservar e promover o uso sustentável dos recursos naturais nos nove estados da Amazônia Legal.

Para engajar as populações locais em ações de longo prazo de manejo florestal e redução do desmatamento, a participação comunitária constitui fator determinante e, nesse sentido, o Projeto Amazocom propôs a construção de práticas alternativas de comunicação comunitária – aqui entendida como “comunicação cidadã, que debate temas de interesse da coletividade dificilmente abordados pela mídia hegemônica, entre os quais o direito ao exercício de expressão por todos os sujeitos envolvidos nos espaços sociais.” (Santos, 2016, p. 24).

O Amazocom prioriza a comunicação comunitária e para o desenvolvimento – modelo em que o ponto chave é a dialogicidade freireana, a participação e o engajamento. A ênfase é na interação, troca de saberes e construção do conhecimento de forma participativa.

A comunicação como área e campo do conhecimento é essencial para lidar com os desafios que tratam das humanidades e da vida em geral. A comunicação como processo visa ampliar as práticas pelas quais as pessoas conseguem entender a sua relação com o meio e negociar participação. Nesse sentido o papel da comunicação para o desenvolvimento envolve processos de empoderamento (quando as pessoas assumem o seu próprio desenvolvimento) e contribui para distingui-lo de outras formas de comunicação. “Su papel en el empoderamiento la convierte en un elemento vital para planificar esfuerzos dirigidos a alcanzar los Objetivos de Desarrollo del Milenio (ODM) y otras prioridades de desarrollo.” (Comunicación para el desarrollo..., 2011, p. 1).

A definição dos processos de desenvolvimento tirada de World Congress... (2006), obtida do Congresso Mundial sobre Comunicação para o Desenvolvimento, diz que é um processo social baseado no diálogo mediante uma ampla gama de ferramentas e métodos. Também persegue uma mudança em distintas áreas como escutar, gerar confiança, intercambiar conhecimentos e capacidades, construir processos políticos, debater e aprender para chegar à mudança sustentável e significativa. Não tem a ver

com as relações públicas ou a comunicação corporativa (Comunicación para el desarrollo..., 2011, p. 10).

A metodologia de comunicação proposta pelo Projeto Amazocom tem sua origem em projeto também executado pela Embrapa, entre 2014 e 2017, porém na região do Semiárido brasileiro e no âmbito do Plano Brasil Sem Miséria (PBSM), o qual promoveu o protagonismo de agentes locais, a partir de oficinas de comunicação comunitária e da formação de redes responsáveis por incentivar uma comunicação vinculada às identidades e realidades de cada território, com vistas à promoção do desenvolvimento local. Essa metodologia recebeu em 2017 o certificado de Tecnologia Social da Fundação Branco do Brasil<sup>1</sup>.

Esta publicação tem como objetivo apresentar algumas orientações para a realização de oficinas de capacitação em comunicação comunitária e de diagnose social nos territórios priorizados pelos 19 projetos, bem como dinâmicas para compor o “Cardápio de Ferramentas” que vai assessorar o Amazocom no trabalho transversal com as diferentes temáticas identificadas.

Espera-se que, a cada experiência e novo contato entre os membros do projeto e os parceiros locais, novas dinâmicas sejam inseridas neste roteiro, sempre respeitando o perfil e as necessidades dos participantes, bem como o contexto local de cada território de atuação.

Esta publicação está de acordo com os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável 10 (Redução das Desigualdades) e 12 (Consumo e Produção Responsáveis). Os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) são uma coleção de 17 metas globais estabelecidas pela Assembleia Geral das Nações Unidas e que tem o apoio da Embrapa para que sejam atingidas.

---

<sup>1</sup> COMUNICAÇÃO comunitária para o fortalecimento do desenvolvimento local. Disponível em: <<https://transforma.fbb.org.br/tecnologia-social/comunicacao-comunitaria-para-o-fortalecimento-do-desenvolvimento-local>>. Acesso em: 29 set. 2019.

## O Projeto Integrado da Amazônia

A partir de negociações junto ao Fundo Amazônia, a Embrapa submeteu o projeto corporativo intitulado Projeto Integrado para a Produção e o Manejo Sustentável do Bioma Amazônia, aprovado em 2015 e contratado em 2016. Por meio dele, a Embrapa tem a oportunidade de contribuir diretamente para o alcance das metas brasileiras de redução de desmatamento, restauração de florestas e de conservação ambiental, gerando tecnologias, compartilhando conhecimentos e fortalecendo o capital social no bioma Amazônia.

O Amazocom destina-se à produção e à disseminação de conhecimentos e tecnologias voltadas para a recuperação, a conservação e o uso sustentável do bioma Amazônia, por meio do apoio à execução dos projetos das Unidades Descentralizadas. Considera a diversidade ambiental do bioma, as distintas formas de ocupação de seu território, a distância dos mercados consumidores, as particularidades quanto ao acesso, as condicionantes culturais e a complexidade dos fatores que levam ao desmatamento.

As muitas amazônias requerem distintas soluções, tanto em termos de tecnologias apropriadas, quanto em relação aos resultados socioeconômicos e ambientais de sua implementação. A sustentabilidade dos processos produtivos em ambiente tropical, com as fragilidades e riscos provenientes dessa condição, exige tecnologias e desenvolvimento científico compatíveis e específicos, de forma a transformar conhecimentos em iniciativas práticas de utilidade para a sociedade. Essas soluções tecnológicas precisam melhorar, a um só tempo, as condições de vida da população e reduzir a pressão de desmatamento.

Portanto, seu objetivo principal é promover a produção, apropriação e adaptação, conforme os contextos locais, pelo público-alvo, de conhecimentos e tecnologias voltados para a recuperação, conservação e uso sustentável do bioma Amazônia, bem como para o monitoramento do desmatamento, da degradação florestal e dos serviços ecossistêmicos da floresta amazônica. Nesse sentido, é fundamental a construção de processos de comunicação articulados com as comunidades dos territórios e a valorização dos conhecimentos e saberes locais, conforme propõe o Projeto Amazocom para o alcance do Projeto Integrado da Amazônia.



## Orientações gerais

As oficinas de capacitação em comunicação têm como público-alvo radialistas de rádios comunitárias e comerciais, educadores, lideranças comunitárias, jovens rurais estudantes de institutos federais de educação (campus rural) e de escolas com modalidade família agrícola, agricultores e técnicos de assistência técnica e extensão rural (Ater) que atuam nos territórios priorizados pelos projetos desenvolvidos pela Embrapa e parceiros no âmbito do Projeto Integrado da Amazônia.

O objetivo geral das capacitações é favorecer a formação desses comunicadores sobre a compreensão e o fortalecimento do papel da comunicação para o bioma Amazônia, no âmbito de cada território, levando-se em conta as ações e as tecnologias da Embrapa e das instituições parceiras no âmbito do Projeto Integrado da Amazônia.

Os objetivos específicos das oficinas, inspirados na publicação *Ações de comunicação para a convivência com o Semiárido brasileiro*, são:

- Estimular os participantes a produzir programas de rádio, áudios, vídeos, fotos, boletins e outros meios audiovisuais que retratem as realidades locais, ampliando, assim, suas competências comunicacionais com vista a apoiarem a divulgação de ações voltadas ao desenvolvimento local.
- Fomentar a reflexão dos participantes sobre a importância de uma comunicação que valorize a divulgação das ações para reduzir o desmatamento e a degradação florestal no bioma Amazônia.
- Constituir redes de comunicadores territoriais e contribuir para o seu fortalecimento.
- Aumentar a interação da Embrapa com públicos específicos do Projeto Integrado da Amazônia (agricultores familiares, ribeirinhos, populações tradicionais, ONGs, entre outros).

## Princípios das capacitações

**Participação** – o envolvimento dos parceiros e atores locais deve se dar em todas as etapas da oficina, desde o planejamento e definição do perfil dos participantes, passando pela escolha do local das oficinas (se possível espaços conhecidos ou utilizados por associações, sindicatos, cooperativas, escolas, etc.), e incluindo as contrapartidas das organizações participantes seja com conteúdos que poderão ministrar nesses eventos, seja por meio de mediação, bem como na discussão dos encaminhamentos finais.

**Protagonismo** – a proposta deve visar ao protagonismo dos atores locais para o processo de comunicação comunitária. Destaca-se que os atores locais são convocados a participar de acordo com sua representatividade institucional, formação profissional (agricultor, comunicador popular vinculado a alguma ONG, extensionista, educador, radialista e/ou jornalista) e estratégia de atuação no território. A seleção dos participantes é o coração da proposta, porque a continuidade ou não do trabalho no território dependerá do perfil e do comprometimento dos atores locais envolvidos.

**Noção de pertencimento** – é premente mostrar que os participantes fazem parte de uma comunidade por realizarem atividades organizadas de caráter cooperativo e compartilharem o sentimento de pertencimento ao local em que vivem. Esse sentimento deve ser estimulado para que possam valorizar a coletividade, o trabalho em conjunto e a cultura popular – aqui entendida como o conjunto de tradições e costumes transmitidos de geração em geração, principalmente da forma oral – e, assim, terem sua organização social fortalecida.

**Comunicação como direito** – as capacitações devem sempre debater a comunicação como um direito de todos e um processo dialógico, que considere em seu contexto as relações de gênero, raça e a equidade social. É a partir desse princípio que se dá, como uma das práticas das oficinas, a dinâmica da leitura crítica dos meios, na qual os participantes são instigados a refletirem sobre os produtos de comunicação que consomem, a visão que esses produtos expressam a respeito do bioma Amazônia e como se sentem retratados por eles.

**Flexibilidade e adaptação** – a programação e a estrutura das oficinas precisam se adequar à realidade/contexto e necessidade de cada território, sem, no entanto, deixar de contemplar os objetivos do projeto.

**Vivências de campo** – as oficinas devem priorizar atividades que promovam a vivência em propriedades rurais onde tecnologias da Embrapa ou das instituições parceiras são desenvolvidas, a exemplo de Unidades de Aprendizagem (UAs) ou Unidades de Referência (URs). É nesse contexto que se dá a interação entre os participantes das oficinas, os agricultores, os pesquisadores e pessoal de Ater, representando, portanto, a oportunidade na qual é possível colocar em prática a proposta da comunicação para o desenvolvimento.

**Compartilhamento** – os conhecimentos, informações e resultados precisam ser compartilhados com todos os participantes. A Embrapa deve estimular que os parceiros das oficinas liderem os processos e os trabalhos em grupos. O grupo só vai se tornar responsável pela continuidade dos trabalhos se também coordenar e/ou liderar os painéis, os debates, etc. Se a Embrapa assumir todo o processo, não haverá continuidade dos trabalhos no futuro.

## Planejamento dos conteúdos

O planejamento das oficinas será determinante para o resultado a ser alcançado e a continuidade dos trabalhos. Todas as etapas devem ser realizadas coletivamente, ou seja, com a participação dos parceiros.

Nessa etapa, o primeiro passo será refletir sobre o que se pretende com as oficinas de comunicação: fortalecer os projetos tecnológicos da Embrapa e de seus parceiros no território? Problematizar sobre temas que impactam no desmatamento e na degradação florestal do bioma Amazônia: que atividades mais contribuem para esses processos? A forma como trabalhamos contribui para o aumento do desmatamento? O que podemos fazer para alterar essa realidade? Como devemos informar para a comunidade maneiras de minimizar o problema?



## Temas que podem ser abordados nas oficinas

A seguir estão elencados alguns temas importantes que necessitam ser debatidos nas oficinas, mediante consultas e negociação prévia realizadas com os parceiros locais:

- A comunicação presente nos processos de desenvolvimento local.
- O que é desenvolvimento local para os participantes (cada um tem sua compreensão, de acordo com sua forma de atuação comunitária).
- Como as mídias locais estão organizadas e como retratam os territórios em questão.
- Noções básicas de comunicação comunitária.
- Produção e linguagem radiofônica.
- Produção e linguagem para vídeo (produzido via celular).
- Produção de conteúdos para mídias digitais.
- Limitação do número de caracteres e a objetividade no texto.
- Importância da fotografia na comunicação – as fotos/imagens narram por si só.
- Contar histórias em tempo real.
- Usar as tecnologias para contar nossas narrativas.
- O Projeto Integrado da Amazônia e as soluções tecnológicas da Embrapa e parceiros que podem contribuir para a redução do desmatamento e da degradação florestal no bioma Amazônia.
- Formação de rede de comunicadores do território.
- Diversidade cultural/cultura popular.
- Sistematização de experiências.
- As consequências das *fake news*.
- Como os veículos de comunicação influenciam na vida das pessoas.
- De que forma o acesso à informação pode contribuir com a melhoria da comunidade.

- Formas de organização social (igreja, cooperativa, sindicato, associação) presentes na comunidade.
- Principais dificuldades de acesso para estabelecer uma comunicação entre os membros de uma determinada comunidade.
- Quais os temas relevantes que influenciam a dinâmica da minha comunidade? Como posso produzir informações a partir do olhar da minha comunidade que possam contribuir para a divulgação de temas relevantes para o seu desenvolvimento?

Essas atividades deverão ser complementadas com a organização de uma ou mais visitas a campo, em propriedade de agricultores, ribeirinhos ou comunidades tradicionais onde as tecnologias/soluções previstas no Projeto Integrado da Amazônia estejam em execução, porque é a partir dessa vivência e dos debates realizados (atividades teóricas e práticas) que os produtos das oficinas serão gerados.

## Produtos esperados com as capacitações

Espera-se que os participantes:

- Sintam-se capazes de produzir informações contextualizadas ao cotidiano local por meio de uma série de formatos: áudio, vídeo, texto, fotos e outros.
- Sintam-se protagonistas do processo de comunicação local e sujeitos dos espaços de atuação, seja na extensão rural, nas escolas, nas rádios comunitárias ou em outros espaços coletivos.
- Tenham a noção de pertencimento ao grupo social, para que possam valorizar suas percepções, seus modos de produção, sua cultura e o local em que a comunidade vive.
- Sintam-se motivados a formar uma rede de comunicadores comunitários no território, que atue em parceria na divulgação de informações sobre diversos temas relacionados à redução do desmatamento e da degradação florestal no bioma Amazônia, e a dar maior visibilidade ao território em que atuam.

- Sintam-se estimulados a fazer uso dos meios tecnológicos, ou, ainda, intensifiquem esse uso, uma vez que muitos já o fazem, como o computador e o celular, dos canais na internet para divulgar os agricultores/comunidades tradicionais/ribeirinhos e suas produções e que essas aparições se multipliquem via parceiros.
- Sintam-se capazes de resgatar produtos de comunicação institucional das organizações locais que se perderam com o tempo.
- Sintam-se capazes de liderar processos locais de comunicação comunitária, priorizando temáticas que foram discutidas nas oficinas.

## Dinâmicas para o cardápio de ferramentas

### Mística para apresentação dos participantes

Esse é um momento simbólico, em que cada participante terá a oportunidade de iniciar a aproximação com os outros. Existem várias místicas que podem ser utilizadas como o uso de músicas regionais, de cirandas, uma apresentação de teatro e contação de histórias. Neste trabalho são apresentadas algumas dinâmicas e, a cada experiência, a partir de contribuições dos participantes, podem ser acrescentadas outras identificadas como interessantes e interativas.

Uma dinâmica simples, que promove ao mesmo tempo a “quebra de gelo” inicial no grupo e a aproximação, bem como a apresentação entre os participantes, é a do “beijo coletivo”, na qual cada um beija o rosto da pessoa que está ao seu lado direito, recebendo também do outro um beijo, seguido de informações sobre o nome e a instituição a que pertence ou representa.

Outra é trabalhar com imagens recortadas de jornais/revistas, que caracterizem a região/bioma e funcionem como cartões postais, a serem distribuídas enquanto entoa-se uma canção local ou utiliza-se sistema de som para isso. Cada participante tira uma imagem/cartão postal e escreve sobre si próprio no cartão, mas sem assinar. Em seguida os cartões são recolhidos e distribuídos, pois a ideia é que, em uma roda, cada um leia um cartão e, a partir daí, os outros tentem adivinhar de quem é aquele cartão de acordo com

as dicas dadas pelo próprio autor. À medida que cada um se revela, os outros dizem “prazer em conhecer”, “bem-vindo/a”.

Outra dinâmica bastante utilizada para uma primeira aproximação entre os participantes é propor uma conversa em pares para que um apresente o outro ao grupo. Os pares conversam e registram o nome da pessoa, onde e quando nasceu, onde vive, o que faz, do que gosta, por que veio para o evento (sugestão), além de outras informações reveladas durante esse momento de interação. Essa dinâmica promove o diálogo e facilita ao grupo se conhecer melhor. Após cada apresentação os pares se dão um abraço de boas-vindas.

Como o projeto tem um forte viés de comunicação, vale a pena aplicar a dinâmica “passando um recado”. O facilitador da oficina escolhe cinco ou seis pessoas, solicita que saiam da sala e fiquem distante o suficiente para não ouvirem o que será dito. Em seguida alguém conta ao grupo uma história e deixa um recado para ser passado às pessoas que estão do lado de fora. Depois o recado é passado para uma das pessoas que está ausente da sala. Posteriormente, ela vai repassar para a próxima pessoa que irá entrar na sala e assim por diante. Todos irão notar as distorções que ocorrem no processo de repasse da informação.

“Botando a mão na massa” é uma dinâmica que incentiva a realização de atividades para facilitar o planejamento de ações de comunicação que podem servir de exemplo para a execução de atividades na comunidade. A proposta é fazer um planejamento da comunicação local, com indicação das atividades a serem executadas, prazos e responsáveis, como, por exemplo: iniciar campanha para a redução da queima nos roçados, definir conteúdo da campanha, material a ser produzido, quando e onde será apresentada e os responsáveis por cada etapa.

Para iniciar divide-se a turma em grupos de, no máximo, quatro pessoas, depois os integrantes, em consenso, elegem um tema ou acontecimento que será divulgado. Cada grupo propõe as estratégias que serão aplicadas para levar a informação à comunidade. O grupo também pode optar por dar visibilidade a experiências de sucesso, mas é importante que as equipes apresentem estratégias de comunicação a partir de suas realidades e do

que funciona como instrumento para disseminação da informação. Depois as estratégias são apresentadas ao grupão.

O grupo pode enriquecer o seu planejamento a partir da colaboração dos demais integrantes da oficina. As estratégias são colocadas em um cartaz e expostas até o final da oficina. No final do dia verifica-se o que pode ser acrescentado ou retirado do planejamento inicial.

## **Apresentação da programação proposta – contextualizando a caminhada**

Os coordenadores das oficinas apresentam a estrutura da capacitação, abordam os temas selecionados e fazem os “acordos de convivência” (definição de horários, formas de deslocamento do grupo, local para refeições, etc.) que precisam ser seguidos por todos os participantes durante o evento.

É também o momento em que as lideranças da Embrapa falam sobre a proposta do processo de comunicação para o desenvolvimento, da importância de criar uma rede de comunicadores do território e situam o papel da Empresa nesse contexto, assim como os parceiros locais também o fazem.

É importante que, já no início das conversas, os participantes tenham clareza dos objetivos e da organização no Projeto Amazocom, bem como de sua relação com soluções tecnológicas e demais projetos do Fundo Amazônia que estão sendo implementados no território, junto às comunidades rurais.

### **Roda de conversa – comunicar é...?**

Essa dinâmica pode ser realizada em duplas ou pequenos grupos, por meio de cochichos, e depois os resultados são socializados com todos os participantes. Busca refletir sobre a situação da comunicação nos territórios e como melhorar a qualidade do que é veiculado ou produzido localmente.

O objetivo é que todos os participantes discutam sobre comunicação, a partir das seguintes perguntas norteadoras:



- Como a mídia retrata o lugar onde vivemos?
- Como vemos o lugar onde vivemos?
- Existem rádios comunitárias ou TVs comunitárias em nossa comunidade/território?
- Existem *blogs* ou jornais comunitários em nossa comunidade/território?
- Como se dá a comunicação em nossa região, em nossa comunidade?
- Como a comunicação pode ajudar na mobilização social de nossa comunidade/território?
- Onde buscamos informação sobre nossa região?
- Para que serve essa informação?
- Como essa informação pode transformar nossa comunidade?
- Qual a diferença entre informar e comunicar?
- Como a comunicação pode contribuir com o desenvolvimento local?
- Como eu posso contribuir para o processo de comunicação local?

A depender do tamanho dos grupos de cada oficina, é recomendável que seja feita uma priorização das questões listadas acima para que o debate possa ocorrer dentro do tempo disponível.

As respostas dos grupos podem ser registradas em papéis/tarjetas e afixadas em painéis. Dessa forma, ao final dos debates, tem-se um pequeno diagnóstico sobre a organização local da comunicação (montar um painel) e quais ações/expectativas podem ser alcançadas a partir das reflexões que poderão vir a contribuir para modificar o cenário da comunicação local (outro painel). Também se pode confeccionar um terceiro painel em que os participantes fazem um desenho da organização local (economia, agricultura, saúde, educação, comunicação, etc.), a depender dos temas que foram priorizados para a oficina.

## **Painel de experiências em comunicação comunitária**

Momento importante para que os parceiros locais (sindicatos, associações, Ater, ONGs) que participam das oficinas possam apresentar como trabalham o processo de comunicação nas comunidades/territórios.

Pode ser feito em estilo carrossel, caso se tenha um número superior a duas experiências a serem apresentadas. Nesse caso, as experiências serão apresentadas simultaneamente, por cada organização em local específico, e os participantes serão divididos em grupos para conhecer, sequencialmente, cada uma das experiências e debater sobre elas.

## **Contação de histórias e dinamização de leitura**

Em razão da forte tradição oral das comunidades rurais e dos agricultores familiares, essa dinâmica tem sempre boa receptividade. As histórias podem ser contadas e registradas para compor boletins, murais e materiais audiovisuais.

## **Animações**

É muito importante que no início de cada jornada de trabalho sejam reservados uns 15 minutos para a realização de animações que despertem a atenção e aproximem os participantes, reduzindo assim o cansaço natural das atividades e possibilitando maior interação entre as pessoas.

Por isso, é sempre recomendável estimular os participantes a apresentarem seus talentos musicais (com ou sem instrumentos), poéticos, de dança, expressões culturais locais ou não.

## **Sistematização de experiências**

Compartilhar experiências e mostrar o que deu certo ou não é uma forma de ajudar o outro a avançar em suas reflexões e em novas experiências e, portanto, é papel da comunicação e é também um processo educativo. Por isso, a sistematização da experiência precisa ser feita durante a oficina de comunicação comunitária e de diagnose social, com o apoio de profissionais que tenham essa prática, muitos deles atuantes em organizações parceiras (sindicatos, associações, ONGs) que já adotam essa técnica em suas atividades.

“A sistematização de uma experiência é a interpretação crítica de realidade vivida.” (Holliday, 2006, p. 46).

É CONTAR COMO ACONTECEU, JUNTANDO AS OPINIÕES E LEMBRANÇAS DAS PESSOAS QUE PARTICIPARAM DA EXPERIÊNCIA. COMO ACONTECEU?

É IDENTIFICAR OS ASPECTOS NOS QUAIS A EXPERIÊNCIA FOI BEM-SUCEDIDA E EM QUAIS NÃO FOI.

É COMPARTILHAR AS LIÇÕES APRENDIDAS COM A SISTEMATIZAÇÃO. COMO PODEMOS CONTAR AOS OUTROS O QUE APRENDEMOS?

A sistematização deve:

- Apontar a organização do conhecimento acumulado na experiência (oficina de comunicação comunitária ou de diagnose social).
- Extrair da experiência ensinamentos para o aprendizado e a ação coletiva para a redução do desmatamento e da degradação florestal no bioma Amazônia.

É importante na sistematização:

- Identificar a comunidade, município, região, estado.
- Como as pessoas chegaram àquela terra/àquele grupo/atividade? A quem pertencia a terra/ação? (elementos históricos).
- Quem está envolvido/a? Família? Grupo? (enfocar gênero, gerações, etnias, organizações, entidades, movimentos sociais).

Descrever as dificuldades e desafios:

- Como as pessoas envolvidas na experiência vêm contribuindo para o processo de resistência?
- Quais as principais fragilidades nesse processo de organização?
- Quais fatores potencializam a ação local para resolver problema?
- Como as pessoas envolvidas vêm atuando para contribuir no processo de resistência?

Resultados:

- Em que medida as ações estão contribuindo para a redução do desmatamento e da degradação florestal no bioma Amazônia?
- Em que medida a experiência tem mobilizado pessoas para a promoção do acesso à terra, à água, à segurança alimentar, à cultura e vem modificando as relações de poder?

## **Vivência de campo e exercício prático**

Essa é uma atividade prática que possibilita aos participantes conhecer as soluções tecnológicas que estão sendo experimentadas pela Embrapa e seus parceiros em determinada comunidade do território e como é a relação da família de agricultores/ribeirinhos/comunidades tradicionais com essas soluções, que contribuições e mudanças têm ocorrido na família/comunidade e, a partir dessa experiência, desenvolver trabalhos que coloquem em prática as orientações e dicas apresentadas nas oficinas temáticas/teóricas.

É um momento para ouvir os agricultores e perceber que eles também são comunicadores, um momento para enxergar o outro e seus desafios e assim sair da lógica da comunicação tradicional.

Após fazer o debate sobre a sistematização de experiências na oficina, a instituição responsável pela visita de campo explica sobre a propriedade que será visitada, as experiências agrícolas, a família e a organização local. Em seguida, os grupos se dividem, de acordo com a estratégia de sistematização escolhida (rádio, televisão, contação de história, fotografia ou outra), e partem para a visita.

É na visita que os participantes irão realizar entrevistas em áudios ou vídeos, com o uso de celulares, tanto para programas de rádio quanto para montagem de pequenos vídeos de bolso. Outra estratégia comunicacional que pode ser utilizada é a produção de fotos, por meio do uso dos próprios celulares ou de câmeras fotográficas. Podem também ser feitas anotações manuscritas que serão transformadas em outros conteúdos como poesias, músicas, contos, etc.

Durante o debate sobre sistematização de experiências da oficina, os participantes devem refletir sobre a forma como querem contar a história dos agricultores/comunidades visitadas e de suas propriedades.

É sempre importante, nesse momento, reafirmar que “todos nós temos potencial de comunicar algo”, estratégia utilizada para impulsionar o empoderamento comunicacional dos participantes.

## **Avaliação das capacitações**

Durante as oficinas de capacitação é importante aplicar algumas técnicas de avaliação:

**Questionário de alinhamento** (aplicado logo após a abertura das oficinas) – constituído de questões abertas e fechadas, o questionário se propõe a medir as expectativas e o nível de entendimento dos participantes sobre comunicação comunitária em seu território.

**Avaliação do dia** (aplicada todos os dias, durante as oficinas) – realizada de forma aberta e verbal com todos os participantes, com vistas a fazer possíveis ajustes na programação do dia seguinte.

**Questionário de avaliação** (aplicado antes do encerramento das oficinas) – constituído de questões abertas e fechadas, o questionário visa medir o grau de compreensão dos conceitos tratados e das ferramentas de comunicação apresentadas durante as oficinas.

## **Formação da rede de comunicadores**

Como um dos objetivos das capacitações é preparar os participantes para atuar em rede e fortalecer a rede de comunicadores das organizações sociais parceiras com as redes técnicas nos territórios, esse é um tema que requer debate e maior compreensão entre os atores envolvidos. Por isso, recomenda-se a promoção de uma palestra com exemplos de redes em funcionamento, seguida de debate, e que possa mostrar a importância do trabalho em rede para produção de conteúdos de interesse do desenvolvimento local.



Para o debate é necessário instigar quem quer se tornar um comunicador e atuar em rede a refletir sobre os “contatos x conexões” existentes, por meio de questões norteadoras:

- Vocês estão inseridos em redes?
- É importante manter relações com as organizações sociais e técnicas locais/regionais. Será que estão sendo aproveitados esses meios de comunicação?
- Qual tipo de comunicação em rede deve ser feito para meu público-alvo?

Também é importante apresentar ferramentas de comunicação que atualmente possibilitam produzir e (re)produzir conteúdo a um custo muito pequeno, principalmente quando acontece de forma comunitária, coletiva e popular.

## Oficinas de ferramentas comunicacionais

Outro objetivo das oficinas de comunicação é apresentar as ferramentas/instrumentos de comunicação de menor custo e maior disponibilidade no local e orientar os participantes sobre o seu uso.

Para a realização dessas oficinas é necessário contar com profissionais que tenham o conhecimento teórico/conceitual e/ou prático para ministrá-las e que, preferencialmente, sejam da região ou do território para que a capacitação se dê com o enfoque local.

### Dinâmica das oficinas

Os participantes, no início da oficina, podem escolher um produto que queiram produzir, dentre as opções pode ser um jornal mural, um fanzine, um cordel (é importante contar com os recursos para tal: papel craft, cartolina, papel A4, revistas e tesouras), um programa de rádio, vídeo. Esse produto é importante para colocar as técnicas em prática e replicar o resultado na comunidade para aqueles que não participaram. Esse tipo de devolutiva é fundamental para engajar outros atores sociais nas ações do projeto.

Antes da etapa prática, uma discussão sobre a definição de notícia e sobre os critérios para que seja considerada relevante pode ser proveitosa. Podem ser realizadas práticas com o lide jornalístico e sobre a estrutura da notícia.

A definição do nome do produto comunicacional é um momento importante, no qual a maioria do grupo tende a se envolver e a afirmar seu sentimento de pertencimento à comunidade ou seu envolvimento com atividade produtiva. Recomenda-se estimular essa discussão antes da parte prática. O nome pode remeter para aspectos da cultura local, como boi-bumbá, o seringal ou alguma característica que a comunidade considere relevante.

Após a vivência de campo, os participantes retornam ao local do evento e iniciam o processo de produção dos produtos comunicacionais que podem ser: um vídeo de bolso (feito com o celular), um pequeno programa de rádio, um painel fotográfico (pode-se usar o recurso de colar as fotos em um PowerPoint e depois projetar as imagens, em sequência, e com a autoria devidamente registrada, para o público da oficina). Outra ferramenta comunicacional que pode ser utilizada/escolhida pelos participantes é a produção de poesias, cordéis ou, ainda, de peças de teatro.

Como resultado final dessa etapa, faz-se a chamada “devolução”, ou seja, os grupos apresentam os resultados de seus trabalhos para todos os participantes da oficina.

É importante destacar que, para as oficinas de ferramentas de comunicação, a instrutoria deve se preocupar não só com o repasse dos conteúdos técnicos – orientações sobre como elaborar um bom roteiro para rádio, a linguagem adequada para o vídeo, ou ainda, como editar e quais softwares utilizar – mas principalmente como fazer diferente da mídia tradicional, como trabalhar com o olhar/enfoque que valorize o local, a comunidade, os recursos naturais disponíveis no território, pois a expectativa dessas oficinas é que os participantes façam suas reflexões sobre como podem se tornar comunicadores/animadores locais de forma a contribuir com as ações voltadas para o desenvolvimento de suas comunidades.

Vale a pena sugerir aos futuros comunicadores que identifiquem em suas comunidades fatos, eventos culturais, acontecimentos com potencial para se tornar notícia, como por exemplo romarias, reuniões de sindicato, plantio de mudas, reuniões da associação, ações de projeto, entre outros, pois muitas vezes não são vistos como fonte de informação a ser compartilhada.

Algumas atividades teóricas/práticas que podem ser realizadas junto com os comunicadores locais:

- Como fazer entrevista e roteiro para programa radiofônico.
- Como fazer um vídeo de bolso (pílula) com uso de celular.
- Como escolher uma frase de efeito para postar nas redes sociais associada a uma fotografia.
- Como criar e animar/moderar grupos no WhatsApp.
- Como preparar um boletim informativo.
- Produção fotográfica contextualizada, cujo objetivo é retratar o local, suas características e diferenciais.

## Uso da matriz Fofa (forças, oportunidades, fraquezas e ameaças) e do DRP (diagnóstico rápido participativo) para a pactuação social

### Uso do DRP e matriz Fofa nas oficinas

Uma das grandes dificuldades na condução das oficinas territoriais é saber, em curto tempo, a situação do território nas mais diferentes dimensões. As experiências participativas, promovidas em diversos projetos executados pela Embrapa, mostram que os métodos inclusivos, com ampla participação das pessoas do lugar, são os mais eficientes.

A metodologia permite alinhar de forma rápida os principais traços da realidade local. Para a execução das atividades são cruzados um método, no caso o diagnóstico rápido participativo (DRP), e uma técnica, a matriz Fofa, mais conhecida como SWOT, sigla oriunda do inglês: forças (*strengths*), fraquezas (*weaknesses*), oportunidades (*opportunities*) e ameaças (*threats*). Trata-se

de uma ferramenta para análise de ambientes ou de cenários, sendo usada como base originalmente no âmbito do planejamento estratégico empresarial. Devido à sua simplicidade, pode ser utilizada para qualquer tipo de análise de cenário.

A análise é um sistema operacional para verificar a posição estratégica das pessoas no ambiente onde elas residem ou operam. A técnica é creditada a Albert Humphrey, da Universidade de Stanford.

## **Definição da atividade principal**

Deve-se focar ao máximo no que se deseja em relação à oficina e sua execução depende de uma boa conversa inicial com os participantes. A atividade nesse caso pode tratar da análise do contexto da comunicação, da extensão rural, das demandas tecnológicas e de políticas públicas de uma determinada localidade. Inicialmente os participantes respondem a questões básicas sobre os propósitos da oficina.

### Tarefa 1

Responda individualmente para posterior discussão:

1) Você identifica relação entre suas atividades e as de comunicação nas áreas rurais?

( ) Sim ( ) Não

2) Caso positivo, descreva três fatores que estabeleceriam tal relação.

3) Você imagina que os profissionais de comunicação e extensão poderiam atuar de forma proativa e articulada em suas atividades?

( ) Sim ( ) Não

4) Caso positivo, cite pelo menos três exemplos práticos em que isso poderia acontecer.

## Tarefa 2

- 1) O grupo elege um(a) coordenador(a), para regular os tempos e a ordem da discussão.
- 2) O grupo elege dois relatores(as) para sistematizar as ideias dos trabalhos das tarefas 1 e 2.
- 3) O grupo deve se concentrar nas explicações sobre a aplicação da matriz Fofa para as tarefas que serão desenvolvidas na sequência.

Para a aplicação da matriz Fofa o monitor estimula o grupo a pensar sobre os ambientes interno e externo (Figura 1). O primeiro ambiente se refere basicamente ao local ou território e pergunta-se sobre as suas forças e fraquezas. Já o segundo ambiente refere-se a questões externas, que estão fora do controle da comunidade e são solicitadas reflexões sobre oportunidades e ameaças que vêm de fora.

De maneira bastante informal, o grupo faz a discussão para pensar junto os principais problemas que têm origem interna e externa e também as possíveis superações, também interna e externamente. O estímulo aos participantes é feito com a proposta focada nas questões que envolvem centralmente aquele grupo.

- As características da comunicação e da extensão rural na região que fortalecem as suas principais vantagens competitivas.
- As fragilidades da comunicação na região, ou seja, suas desvantagens e pontos fracos.
- Os aspectos externos positivos, oportunidades abertas pelas diferentes forças para gerar melhorias na comunicação regional.
- Os aspectos externos que representam riscos para a comunicação na região.

O próximo passo é explicar aos integrantes da oficina o que vem a ser cada um dos campos de reflexão.

**Forças** – são elementos internos que trazem benefícios para a comunicação e extensão na comunidade. Esses elementos são aqueles que estão sob o nosso controle, ou seja, você consegue decidir se mantém ou não a situação.



**Fraquezas** – são elementos internos que atrapalham o desenvolvimento da comunicação e extensão regional. São aquelas características dentro do seu controle que não ajudam a realizar o que se quer.

**Oportunidades** – são as situações externas às comunidades que podem afetar positivamente na região. Esses fenômenos normalmente estão fora do controle das pessoas, mas existe uma chance deles acontecerem.

**Ameaças** – são situações externas à região que podem atrapalhar o desenvolvimento. Assim como as oportunidades, estão fora do nosso controle, mas existe uma chance de acontecer.

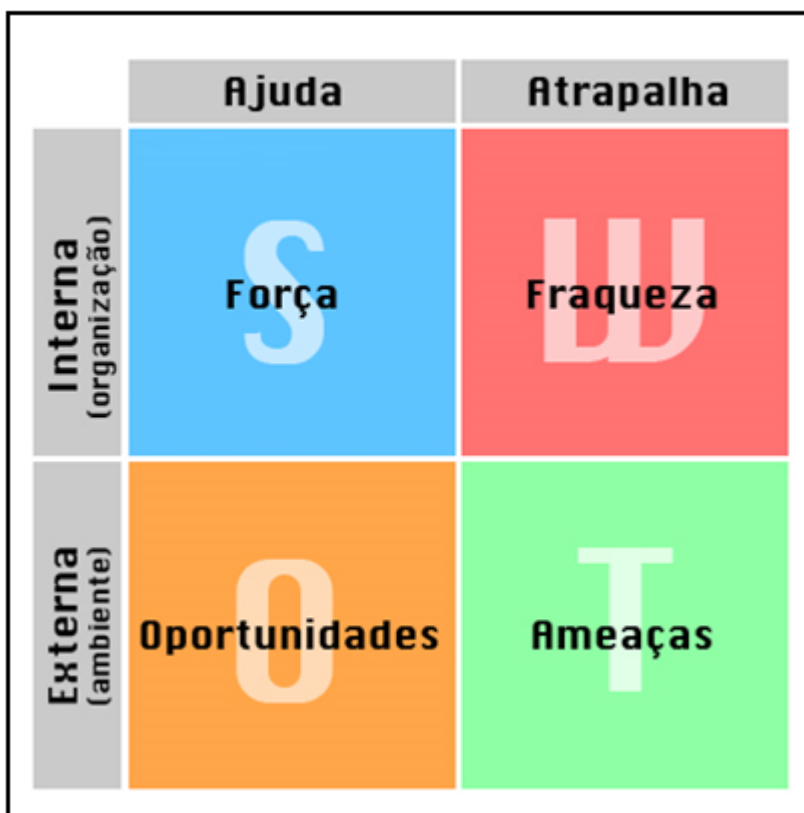


Figura 1. Modelo lógico da matriz Fofa.

Fonte: Ilustração de Antonio Heberlê para oficina no Território do Cariri, CE, durante projeto da Embrapa no âmbito do Plano Brasil Sem Miséria (2014–2017).

No caso exemplificado da análise da relação entre extensão e comunicação deve-se facilitar a discussão final para validação de todos os itens articulados pelo grupo e apresentação da síntese pela relatoria.

#### Exemplo de forças

- União da comunidade.
- Localização.
- Diferenciação da produção rural e comunicacional.
- A forte cultura local (tradições e história).

#### Exemplo de fraquezas

- Equipamentos obsoletos ou inadequados.
- Pouca autonomia e autogestão das comunidades.
- Êxodo rural e migrações sazonais.

#### Exemplo de oportunidades

- Acesso a uma nova tecnologia (exemplo: digital).
- Incentivos para produzir e manter os veículos/projetos.
- Educação contextualizada.

#### Exemplo de ameaças

- Catástrofes naturais, secas, enchentes, etc.
- Concentração de renda.
- Corte de subsídios para produção agropecuária.

#### Tarefa 3

Com base no Tarefa 1, na qual foram caracterizados os elementos promotores e limitadores do desenvolvimento regional e local, e na Tarefa 2, os participantes são estimulados a realizar o cruzamento entre as quatro etapas da matriz Fofa de forma a se obter apenas uma matriz. As perguntas norteadoras para essa fase de atividades são as seguintes:

- Observando as fraquezas identificadas, o grupo entende que elas seriam superadas com as oportunidades e as forças descritas?
- O grupo identifica outras formas de superar as fraquezas?
- Observando as ameaças identificadas, o grupo entende que elas podem ser superadas com as forças e oportunidades?
- O grupo identifica outras formas de superar as ameaças?

O resultado do cruzamento das fraquezas e ameaças com as forças e oportunidades sintetizado na relação entre problemas, soluções possíveis e encaminhamentos é uma etapa importante, mas ainda insuficiente, pois o principal objetivo da oficina é estimular os presentes a comprometer-se com as possíveis soluções e encaminhamentos futuros.

Os participantes, no final da oficina, fazem o exercício no quadro lógico identificando “problemas” e “soluções possíveis”. Em seguida, com a inclusão do item “encaminhamentos”, é possível obter um quadro com a configuração, conforme a Tabela 1, que representa um exemplo dos resultados obtidos com uso da matriz Fofa em uma oficina realizada no Território do Cariri, CE, durante projeto da Embrapa no âmbito do Plano Brasil Sem Miséria (2014–2017).

E assim os vários problemas e soluções possíveis são discutidos e alinhados pelos participantes da oficina em tempos de discussão ajustados previamente, de modo a se ter condições de apresentar o quadro lógico sem dispersão de atenção pelo cansaço (Figura 2).

**Tabela 1.** Resultados obtidos com uso da matriz Fofa durante projeto da Embrapa no âmbito do Plano Brasil Sem Miséria (2014–2017).

Problema	Solução possível	Encaminhamento
Equipamentos obsoletos	Ter acesso a uma nova tecnologia (ex.: digital)	Definir um responsável para marcar reunião com os representantes das rádios comunitárias, até o final de julho/2016, no IFCE
Dificuldade de manutenção das rádios comunitárias	Grupos de lideranças políticas e comunitárias	Definir um responsável para marcar reunião com os representantes das rádios comunitárias, até o final de julho/2016, no IFCE
Suspensão do funcionamento das casas digitais	Grupos de lideranças políticas e comunitárias	Solução externa ao grupo
Nível de escolaridade (alfabetização) dos produtores rurais e ouvintes	Sensibilização de jovens e adultos, pelo poder público, para que frequentem os cursos já existentes	Radialistas presentes pautarão essa temática regularmente
Cultura do comodismo em algumas comunidades e falta de continuidade, acompanhamento e adaptação das políticas públicas à realidade regional	Poder público e lideranças comunitárias	Solução externa ao grupo

Fonte: Tabela produzida na oficina realizada no Território do Cariri, CE, durante projeto da Embrapa no âmbito do Plano Brasil Sem Miséria (2014-2017).

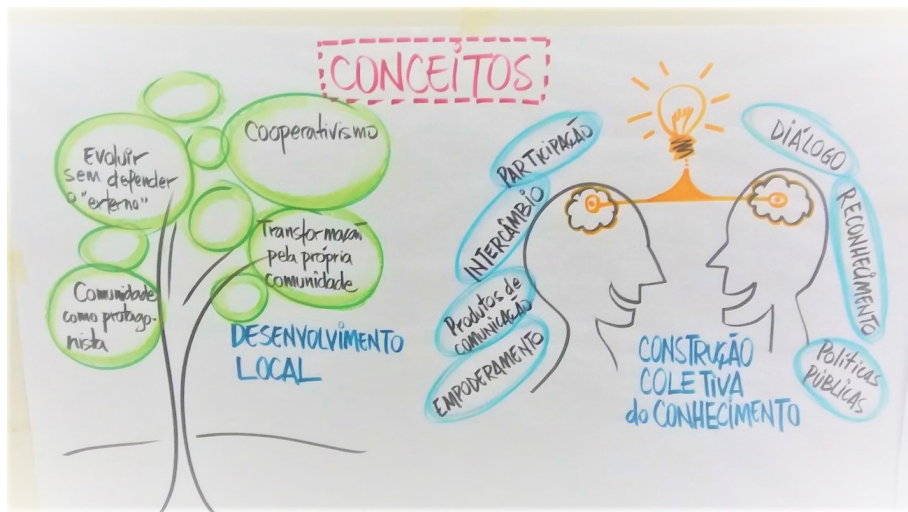


Ilustração: Wagner Soares (Gui)

**Figura 2.** Conceitos.

Fonte: Imagem construída na oficina de alinhamento do Projeto Amazocom, de 4 a 6 de setembro de 2018, em Belém, PA.

**Comunicação comunitária** – é produzida no âmbito das comunidades e agrupamentos sociais com identidade própria. São produções sem fins lucrativos que visam à democratização da comunicação. Por isso, implicam a participação ativa e horizontal dos cidadãos e a corresponsabilidade pelos conteúdos das informações produzidas (Peruzzo, 2005).

**Comunicação para o desenvolvimento** – modalidade de comunicação que valoriza o sistema de percepção e de valores dos sujeitos sociais, em uma visão dialógica que requer novas habilidades dos profissionais envolvidos (pesquisadores, técnicos e comunicadores) (Heberlê, 2012).

**Construção coletiva do conhecimento** – é um processo de interação baseado na força dialógica no qual um conjunto de atores observa a realidade e com as pessoas do local sistematiza informações em busca de soluções tecnológicas no contexto de sua aplicação (Embrapa, 2014).

**Desenvolvimento local** – dentro da globalização é uma resultante direta da capacidade dos atores e das sociedades locais se estruturarem e se mobilizarem, com base nas suas potencialidades e sua matriz cultural, para definir e explorar suas prioridades e especificidades, buscando a



competitividade em um contexto de rápidas e profundas transformações. No novo paradigma de desenvolvimento isso significa, antes de tudo, a capacidade de ampliação da massa crítica de recursos humanos, domínio do conhecimento e da informação, elementos centrais da competitividade sistêmica (Buarque, 1999).

**Intercâmbio de conhecimentos** – processo interativo e dialógico que possibilita adaptar soluções já desenvolvidas a contextos e atualizar agendas formais de pesquisa a partir da troca entre saberes tradicionais ou conhecimentos tácitos e conhecimentos científicos (Embrapa, 2014).

**Redes sociotécnicas** – são o que Latour (1994) define como a estrutura das redes, na qual o ser humano seria mais um nó em uma estrutura não linear, sempre aberta a novos componentes. A produção contemporânea de “coletivos híbridos” sugere um modelo de redes como um espaço fértil para viabilizar a produção e a circulação de conhecimento e as novas configurações sociais que emergem na atualidade.

**Diagnóstico rápido participativo (DRP)** – é um método de investigação com fins de promover desenvolvimento local, que utiliza técnicas de visita a campo, entrevistas e trabalhos de grupo para identificar necessidades e problemas, oportunidades e soluções que existem nas comunidades, e pressupõe a participação coletiva em sua elaboração e tomada de decisões.

**Matriz Fofa** (forças, oportunidades, fraquezas e ameaças) – mais conhecida como SWOT, sigla oriunda do inglês: forças (*strengths*), fraquezas (*weaknesses*), oportunidades (*opportunities*) e ameaças (*threats*), é uma ferramenta utilizada para fazer análise de ambientes ou de cenários.

**Sistematização de experiência** – na educação popular é uma espécie particular de criação participativa de conhecimentos teórico-práticos, a partir de e para a ação de transformação, entendida como a construção da capacidade (Holliday, 2006).

## Proposta de diagnóstico participativo de comunicação rural (DPCR) da FAO

A Organização das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura (FAO) publicou em 2008 a segunda edição do seu Manual diagnóstico participativo de comunicação rural, uma metodologia rápida, multidisciplinar e participativa para a condução de pesquisas e em programas de comunicação que tenham como concepção a centralidade nas pessoas, suas necessidades e seus problemas.

Desenvolvida na década de 1990 (1994–1995), a metodologia tem sido desde então posta em prática a partir de projetos de desenvolvimento relacionados a temas como agricultura, pecuária, meio ambiente, redução da pobreza rural, manejo de recursos naturais, entre outros. Geralmente a metodologia é usada pelo pessoal da extensão rural, agentes de desenvolvimento no campo, comunicadores, especialistas em meios de comunicação como o rádio, na produção de vídeo e no *design* gráfico.

O diagnóstico utiliza diferentes técnicas para obter o perfil completo da situação da comunidade e facilitar o acesso à informação de forma rápida e útil.

Trata-se, porém, de uma metodologia flexível e adaptável aos diferentes contextos do campo, mas que deve manter, no mínimo, os seguintes princípios:

**Participação** – envolver todos os segmentos da comunidade como donos do processo e de seus resultados.

**Troca de aprendizagem** – considerar sempre o conhecimento da população rural sobre seus problemas e a solução para eles.

**Compartilhamento** – compartilhar com a comunidade informações e conhecimentos que ajudem a resolver os problemas identificados no diagnóstico.

**Equidade de gênero** – favorecer a participação de homens e mulheres da mesma comunidade para obter diferentes percepções e experiências.

**Ignorância favorável** – os pesquisadores que estão conduzindo o DPCR devem sempre partir de perguntas para conhecer o que a comunidade quer, precisa e espera deles.

**Flexibilidade e adaptação** – devem-se considerar as diferentes formas, condições e contextos locais. Não se trata de um modelo pré-fabricado.

**Trabalho no campo** – exige a ida dos envolvidos no diagnóstico a campo para conversar, conhecer a comunidade e seu ambiente real.

**Triangulação e checagem** – os participantes devem avaliar os resultados e validá-los ou refutá-los.

O quadro a seguir resume os componentes da análise situacional que pode ser feita com o uso do diagnóstico participativo de comunicação rural (DPCR) e os vínculos lógicos entre esses componentes.

Problema principal → os objetivos imediatos → a árvore de problemas (raízes = causas; tronco = problemas; e copa = efeitos) → os problemas centrais → os objetivos da comunicação → proposta para uma comunicação local → os resultados esperados → atividades/responsabilidades a serem assumidas pelos participantes para a continuidade das ações

## Conclusão

As técnicas e ferramentas abordadas ao longo deste trabalho apresentam sintonia com os princípios e a metodologia do diagnóstico participativo de comunicação rural definido e divulgado pela FAO, desde a década de 1990, para ações de comunicação em comunidades rurais mundo afora, e resultam de experiências já praticadas em outros projetos de desenvolvimento local executados pela Embrapa em outras regiões do País. É importante que essas dinâmicas sejam testadas, adaptadas a cada realidade e somadas a outras que contribuam para o alcance do objetivo principal do Projeto Integrado da Amazônia, do qual o Amazocom é um dos 19 projetos componentes: a redução do desmatamento e da degradação florestal no bioma Amazônia.

## Referências

BUARQUE, S. C. **Metodologia de planejamento do desenvolvimento local e municipal**: material para orientação técnica e treinamento de multiplicadores e técnicos em planejamento local e municipal. Brasília, DF: MEPF: INCRA: IICA, 1999. 104 p.

COMUNICACIÓN para el desarrollo: fortaleciendo la eficacia de las Naciones Unidas. Nueva York: Programa de las Naciones Unidas para el Desarrollo, 2011. 127 p.

EMBRAPA. **Fundamentos sobre a interação entre a Embrapa e a sociedade**: transferência de tecnologia, intercâmbio e construção de conhecimento. Brasília, DF: Departamento de Transferência de Tecnologia, 2014.

HEBERLÊ, A. L. O.; COSENZA, B. C.; SOARES, F. B. (Ed.). **Comunicação para o desenvolvimento**. Pelotas: Embrapa Clima Temperado, 2012. 118 p. Resultados do 1º Seminário Internacional de Comunicação para o Desenvolvimento, 2011, Pelotas.

HOLLIDAY, O. J. **Para sistematizar experiências**. Brasília, DF: MMA, 2006. 128 p.

LATOUR, B. **Jamais fomos modernos**: ensaio de antropologia simétrica. Tradução de Carlos Irineu da Costa. Rio de Janeiro: Editora 34, 1994. 149 p.

PERUZZO, C. M. K. Direito à comunicação comunitária, participação popular e cidadania. **Revista Latino americana de Ciencias de la Comunicación**, ano 2, n. 3, p. 18-41, jul./dic. 2005.

SANTOS, M. S. T. **Comunicação para o desenvolvimento**: redes de memórias. Recife: Editora UFRPE, 2016.

WORLD CONGRESS ON COMMUNICATION FOR DEVELOPMENT, 2006, Rome, Italy. **Lessons, challenges, and the way forward**: executive summary. Washington, DC: World Bank; Rome: FAO, 2007. 352 p. e-pub. Disponível em: <http://www.fao.org/3/ai143e/ai143e00.pdf>. Acesso em: 19 nov. 2019.

### Literatura recomendada

BELTRÃO, S. L. L.; NOTAROBERTO, M. C. G.; HEBERLÊ, A. L. O.; ALEXANDRE, D. B.; FALCÃO, F. C. de O.; ALMEIDA, S. L. de; SILVA, J. M. de O.; CURADO, F. F.; CAVALCANTE, R. M. B. **Ações de comunicação para a convivência com o Semiárido brasileiro**. Brasília, DF: Embrapa, 2017. 62 p. (Embrapa Informação Tecnológica. Documentos, 2).

BRASIL. Ministério do Desenvolvimento Agrário. **Referências para o desenvolvimento territorial sustentável**. Brasília, DF: CONDRAF/NEAD, 2003. 33 p. (Textos para discussão, 4).

FAO. **Manual diagnóstico participativo de comunicação rural**. 2. ed. Roma, 2008. 15 p.

HEBERLÊ, A. O papel das relações públicas na comunicação para o desenvolvimento. In: GONÇALVES, G.; FELIPPI, A. (Org.). **Comunicação, desenvolvimento e sustentabilidade**. Covilhã: Livros LabCom, 2014. p. 9-20. (Coleção relações públicas e comunicação organizacional, v. 2).

PERUZZO, C. M. K. Movimentos sociais, cidadania e direitos sociais nas políticas públicas. **Revista Fronteira – Estudos Midiáticos**, v. 11, n. 1, p. 33-43, jan./abr. 2009.

SABOURIN, E. Aprendizagem coletiva e construção social do saber local: o caso da inovação na agricultura familiar na Paraíba. **Revista Estudos Sociedade e Agricultura**, v. 9, n.1, p. 37-61, abr. 2001.

**Anexo I.** Formulário de identificação de demandas e pacto de gestão compartilhada com os parceiros no âmbito dos territórios de atuação priorizados nos quatro arranjos no Acre.

<b>Projeto Amazocom - Diagnose social</b>	
Data da entrevista:	<input type="text"/>
Município:	<input type="text"/>
Endereço do estabelecimento:	<input type="text"/>
O estabelecimento possui telefone de contato?	<input type="text"/>
O estabelecimento possui contato por telefone?	<input type="text"/>
É possível acessar a internet desse endereço?	<input type="text"/>
Não	<input type="checkbox"/>
Sim, de que forma?	<input type="text"/>
<b>1. Qual o principal meio de acesso à comunicação?</b>	
Correio eletrônico (e-mail)	<input type="text"/>
Televisão	<input type="text"/>
Qual horário assiste?	<input type="text"/>
Quais programas?	<input type="text"/>
Celular	<input type="text"/>
Telefone rural	<input type="text"/>
Rede social	<input type="text"/>
Rádio FM	<input type="text"/>
Quais rádios?	<input type="text"/>
Quais programas?	<input type="text"/>
Rádio AM	<input type="text"/>
Quais rádios?	<input type="text"/>
Quais programas?	<input type="text"/>
Tem Facebook?	<input type="text"/>
Usa com qual frequência?	<input type="text"/>
Costuma trocar mensagem com membros da sua comunidade?	<input type="text"/>
Usa WhatsApp?	<input type="text"/>
Participa de grupos no WhatsApp?	<input type="text"/>
Usa com qual frequência?	<input type="text"/>
Está no estabelecimento há quanto tempo?	<input type="text"/>
Qual é a área total do estabelecimento (ha)?	<input type="text"/>
<b>2. Quais destas práticas agrícolas são utilizadas no estabelecimento?</b>	
Produtor(a) de mel	<input type="text"/>
Extrativista (babaçu, castanha-do-brasil, seringueiro, etc.)	<input type="text"/>
Criador(a) de animais em beira de estradas	<input type="text"/>
Produtor(a) em vazantes de rios, roças itinerantes, beira de estradas e que na data de referência não mais ocupava essa área	<input type="text"/>
Produtor(a) que produziu no período de referência em terras arrendadas, em parcerias ou ocupadas, mas que na data de referência não estava em uso	<input type="text"/>
Outra situação	<input type="text"/>

Continua...



**Anexo I. Continuação.****3. Condição legal do(a) produtor(a) (assinalar aquela em que se enquadre):**

Produtor(a) individual	<input type="checkbox"/>
Casal (quando os dois forem responsáveis pela direção), união de pessoas, condomínio ou consórcio	<input type="checkbox"/>
Cooperativa	<input type="checkbox"/>
Sociedade anônima (S.A.) ou por cotas de responsabilidade limitada (Ltda.)	<input type="checkbox"/>
Instituição de utilidade pública	<input type="checkbox"/>
Governo (federal, estadual ou municipal)	<input type="checkbox"/>
Outra condição	<input type="checkbox"/>

**4. O estabelecimento ou o(a) produtor(a) possui CNPJ?**

Não	<input type="checkbox"/>
Sim, qual é o número do CNPJ?	<input type="text"/>

**5. Em relação à direção dos trabalhos do estabelecimento:**

Produtor(a) titular diretamente	<input type="checkbox"/>
Casal (codireção)	<input type="checkbox"/>
Produtor(a) titular por meio de um(a) encarregado(a) ou pessoa com a qual tenha laços de parentesco	<input type="checkbox"/>
Produtores(as) (explorações comunitárias)	<input type="checkbox"/>
Outra pessoa	<input type="checkbox"/>

**6. Em relação ao administrador(a):****Qual o sexo?**

Homem	<input type="checkbox"/>
Mulher	<input type="checkbox"/>

**Qual a idade?****Qual a cor ou raça?**

Amarela	<input type="checkbox"/>
Branca	<input type="checkbox"/>
Indígena	<input type="checkbox"/>
Parda	<input type="checkbox"/>
Preta	<input type="checkbox"/>

**Sabe ler e escrever?**

Não	<input type="checkbox"/>
Sim	<input type="checkbox"/>

Continua...

**Anexo I. Continuação.**

**7. Qual o curso mais elevado que frequenta ou frequentou?**

Nunca frequentou nenhum curso	<input type="checkbox"/>
Ensino fundamental incompleto	<input type="checkbox"/>
Ensino fundamental completo	<input type="checkbox"/>
Ensino médio incompleto	<input type="checkbox"/>
Ensino médio completo	<input type="checkbox"/>
Ensino superior incompleto	<input type="checkbox"/>
Ensino superior completo	<input type="checkbox"/>
Pós-graduação incompleta	<input type="checkbox"/>
Pós-graduação completa	<input type="checkbox"/>
Mestrado completo	<input type="checkbox"/>
Mestrado incompleto	<input type="checkbox"/>
Doutorado completo	<input type="checkbox"/>
Doutorado incompleto	<input type="checkbox"/>

**8. O(a) produtor(a) é associado(a) à cooperativa ou entidade de classe?**

Não	<input type="checkbox"/>
Sim	<input type="checkbox"/>

**Qual tipo?**

Associação	<input type="checkbox"/>
Cooperativa	<input type="checkbox"/>
Movimentos de produtores(as)	<input type="checkbox"/>
Entidade de classe (sindicato)	<input type="checkbox"/>

**9. No estabelecimento se utiliza energia elétrica?**

Não	<input type="checkbox"/>
Sim	<input type="checkbox"/>

**10. O estabelecimento recebe orientação e assistência técnica em agropecuária?**

Não	<input type="checkbox"/>
Sim	<input type="checkbox"/>

**11. Qual é a origem da orientação e assistência técnica recebida?**

Governo (federal, estadual ou municipal)	<input type="checkbox"/>
Própria	<input type="checkbox"/>
Cooperativas	<input type="checkbox"/>
Empresas integradoras	<input type="checkbox"/>
Empresas privadas de planejamento	<input type="checkbox"/>
Organização não governamental (ONG)	<input type="checkbox"/>
Sistema S	<input type="checkbox"/>
Outra	<input type="checkbox"/>

---

**12. De que forma obtém informações técnicas?**

Televisão	<input type="checkbox"/>
Rádio	<input type="checkbox"/>
Internet	<input type="checkbox"/>
Revistas	<input type="checkbox"/>
Jornais	<input type="checkbox"/>
Reuniões técnicas/seminários	<input type="checkbox"/>
Não obtém	<input type="checkbox"/>
Outra forma	<input type="checkbox"/>

---

Continua...

**Anexo I. Continuação.**

**13. Quais destas práticas agrícolas são utilizadas no estabelecimento?**

Plantio em nível	<input type="checkbox"/>
Rotação de culturas	<input type="checkbox"/>
Pousio ou descanso de solos	<input type="checkbox"/>
Proteção e conservação de encostas	<input type="checkbox"/>
Recuperação de mata ciliar	<input type="checkbox"/>
Reflorestamento para proteção de nascentes	<input type="checkbox"/>
Estabilização de voçorocas	<input type="checkbox"/>
Manejo florestal	<input type="checkbox"/>
Outras práticas agrícolas	<input type="checkbox"/>
Nenhuma	<input type="checkbox"/>

**14. Sobre mudanças climáticas:**

Já ouviu falar sobre mudanças climáticas?	<input type="checkbox"/>
Você acredita que tratar bem o meio ambiente contribui para a redução dos impactos ambientais negativos?	<input type="checkbox"/>
Você adota algum tipo de boas práticas ambientais?	<input type="checkbox"/>

Quais práticas já adota (descarte de resíduos, proteção de nascentes, etc.)? Descrever \_\_\_\_\_

Quais experiências você identificou em sua comunidade que contribuem para a redução dos impactos ambientais? \_\_\_\_\_



MINISTÉRIO DA  
AGRICULTURA, PECUÁRIA  
E ABASTECIMENTO



PÁTRIA AMADA  
**BRASIL**  
GOVERNO FEDERAL

CGPE 15827